

CINEMA & REVOLUÇÃO



O show de Truman

O filme conta a história de um homem que um dia começa a pensar que sua vida poderia não ser o que ele sempre imaginou. Ao questionar a sua própria existência e o mundo em que vive vai seguir um caminho que o conduzirá a descobertas de verdades que podem libertá-lo, mas que, também, podem não ser agradáveis. Este é um filme que vai nos provocar a pensar a realidade em que vivemos e como nos posicionamos diante do mundo. Além disso, é uma alegoria

interessante da nossa sociedade, na qual a mídia tem um poder de manipulação muito grande e fixa certos padrões de comportamento e consumo que quase sempre aceitamos de forma resignada, sem reflexões. A grande mensagem do filme é a de que não podemos aceitar como verdadeiras, óbvias, ou naturais, nenhuma ideia, valor, comportamento, acontecimento, sem antes pensar de forma aprofundada sobre tudo isso. A filosofia, ciência, e a arte, podem nos ajudar enormemente nesta tarefa. **Sexta 02 de outubro, exibição e debate sobre o filme às 17h na sede do Espaço Socialista em Maceió.**

Espaço Poesia

A ARTE EXISTE PORQUE A VIDA NÃO BASTA

O açúcar – Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da
mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoçou meu café esta manhã em Ipanema.

Espaço O VERMELHO

Artes Plásticas

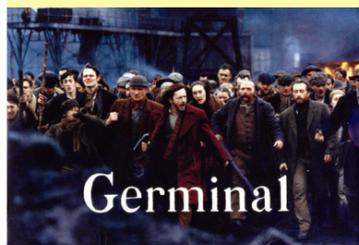


OS RETIRANTES:

Autor: Cândido Portinari
Onde ver: MASP, São Paulo, Brasil
Ano: 1944
Técnica: Óleo sobre tela
Tamanho: 190cm x 180cm
Movimento: Modernismo

Cândido Torquato Portinari (Brodowski, 29 de dezembro de 1903 — Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1962). Portinari pintou quase cinco mil obras, de pequenos esboços a gigantescos murais. Foi o pintor brasileiro a alcançar maior projeção internacional. O quadro Retirantes de 1944, é uma das mais emblemáticas obras de arte brasileira, de cunho social, com influências expressionistas.

CÍRCULO LITERÁRIO RODA VIVA



Germinal, de Émile Zola, obra de 1885.

A obra trata sobre o processo de gestação e maturação dos movimentos grevistas e de uma atitude mais ofensiva por parte dos trabalhadores das minas

de carvão do século XIX na França em relação à exploração de seus patrões; nesse período alguns países passavam a integrar o seleto conjunto de nações industrializadas ao lado da pioneira Inglaterra, entre os quais a França, palco das ações descritas no romance.

Sarau Roda Viva em Maceió Sexta dia 02 de outubro às 19h, e em Arapiraca Quarta 14 de outubro às 19h.

Sábado 03 de outubro às 10h na sede do Espaço Socialista em Maceió, discussão sobre a Obra Germinal. E na quarta-feira 14 de outubro às 19h em Arapiraca. Participe!

Caderno cultural do jornal Espaço Popular

Setembro de 2015 - N. 01

RODA VIVA

ARTE & REVOLUÇÃO

EDITORIAL

Caro leitor este é primeiro número do caderno cultural Roda Viva arte & revolução que a partir de agora acompanhará a publicação do jornal Espaço Popular. Nossa intenção é que este encarte contribua para a formação teórica e estimule nossos leitores no que diz respeito a apropriação, reflexão e debate sobre a arte. Acreditamos que a formação de um sujeito revolucionário passa necessariamente por três eixos que se articulam mutualmente: 1) uma base teórico-científica radicalmente crítica, 2) prática política revolucionária, e 3) a apropriação das grandes obras de arte produzidas pela humanidade. Porém o que percebemos, hoje, é que a formação dos revolucionários priorizam apenas os dois primeiros pontos citados acima. Isto resulta em um enorme desinteresse pela arte e, em consequência disso, na constituição de uma subjetividade que, por não ter passado pela experiência artística, não pode sentir os grandes dramas humanos em toda sua profundidade.

O papel da arte na formação do sujeito revolucionário

Luciano Accioli
Zilas Nogueira

Vivemos na atualidade uma grave crise social, sem precedentes em nossa história, que atinge a totalidade das relações econômicas, políticas e sociais do sistema do capital. Não há nenhum aspecto da vida humana que não sofra os impactos desta crise. Desemprego crônico, inclusive em países considerados desenvolvidos, fome em grande parte do mundo (mesmo com alimentos sendo produzidos em abundância!), violência urbana nas grandes cidades, guerras, destruição do meio ambiente, tragédia do deslocamento de pessoas (motivado por conflitos, miséria e corte de empregos em seus países de origem), são apenas alguns dos sinais das dificuldades enfrentadas pela humanidade no atual estágio da sociedade capitalista.

Contra a barbárie que se faz presente em nossas vidas cotidianamente a única alternativa viável é a construção de uma nova organização social que, por sua vez, só pode ser alcançada a partir de uma revolução de caráter socialista. Desta forma, o papel urgente dos revolucionários na batalha das ideias seria o de demonstrar a necessidade e a possibilidade de uma revolução superadora do atual sistema sócio-econômico.

Esta luta contra o capitalismo e, conseqüentemente, contra todas as desumanidades associadas a esta forma particular de sociedade exige dos revolucionários um enorme esforço no sentido de buscar continuamente uma apropriação, cada vez mais profunda, de uma teoria científica que possa revelar aos trabalhadores as estruturas de funcionamento e as formas operativas do capital. Além disso, é consenso entre as organizações que se orientam pela perspectiva socialista que a prática política é uma condição indispensável para a formação de um sujeito revolucionário. Todos agrupamentos de esquerda reconhecem, portanto, a importância da teoria científica e da prática política para formação de seus militantes.

Porém, raros são os teóricos, grupos, ou militantes, que consideram a arte como elemento fundamental para a constituição da subjetividade do revolucionário.

Acredita-se que é possível ser um bom militante socialista apenas com razoável conhecimento teórico-científico,

Entendemos que o nosso ser é tanto mais rico, humanamente falando, quanto mais tiver em si, a humanidade socialmente produzida pelo gênero. Para isso, o contato com a arte é indispensável. Contudo, não basta apropriarse da arte de maneira passiva, ou por diletantismo, o nosso tempo histórico e nossa condição de socialistas nos impõe mais que isso. É necessário sempre apresentar uma postura crítico-revolucionária diante das obras de arte. Assim, convidamos todos vocês a participarem das nossas atividades teóricas e artísticas que realizaremos a partir desse encarte.

Nossa publicação será mensal e junto com ela a cada mês organizaremos momentos de discussão teórica sobre arte, saraus (com música e poesia), exibição de filmes e exposições de jovens artistas. Entre em contato, participe!

experiência na práxis política, e disciplina. Entendemos que todos estes elementos são realmente necessários para a formação do revolucionário, mas não suficientes.

Gostariamos de argumentar que a subjetividade de um militante que pretende lutar para a superação das relações sociais alienadas vigentes, próprias do mundo capitalista, e contribuir para a construção de uma nova forma de organização da sociedade, ou mesmo a subjetividade do trabalhador em geral, verdadeiro portador desta transformação, não pode desconsiderar o universo da arte, sob pena de instituir-se de maneira débil e, com isso, não conseguir responder a contento, e sob a perspectiva radical do trabalho, aos desafios atuais da luta de classes. Se a arte por si só não fará a revolução, sem ela pouco caminharemos em sua direção. É imperativo, junto aos nossos estudos científicos/filosóficos e à nossa prática política cotidiana, que a arte faça parte de nossas vidas.

Tanto Marx quanto Engels, fundadores do socialismo científico, em toda a sua atuação teórica e política percebiam a importância da arte na formação do sujeito revolucionário. Os dois teóricos em toda sua trajetória indicavam o papel das grandes obras de arte na luta contra o aburguesamento da consciência do trabalhador. Mesmo ocupados em outras trincheiras teórico-práticas, sempre reafirmaram em cartas e ou pequenos textos, a necessidade da grande arte no enfrentamento ideológico do mundo burguês, e conseqüentemente na formação de uma subjetividade revolucionária.

Dito isto, tentaremos percorrer um caminho que nos revele o papel essencial que a arte, em sua peculiaridade, exerce na formação de uma subjetividade revolucionária. Seguiremos para isso, alguns pressupostos indicados por Engels, Marx e Lukács.

A ARTE E A REALIDADE SOCIAL

A arte é um fenômeno ideológico e não pode ser compreendida como uma prática fechada em si mesma, e assim independente e separada da vida real e das lutas de classes.

Marx e Engels entendiam a arte como uma "forma peculiar de

reflexo da realidade objetiva". Isto significa que os grandes artistas conseguem captar certos aspectos da realidade que, em não raras vezes, nem mesmo a ciência e a filosofia são capazes de apreender naquele momento. O próprio Engels é enfático ao afirmar que aprendeu lendo Balzac "mais do que com os livros de todos os economistas, historiadores e estatísticos profissionais daquele período em seu conjunto".

Mas, afirmar que as produções artísticas refletem o mundo real, objetivo, não significa dizer que espelham a realidade de maneira direta, mecânica e sem mediações. Ou que, representam um reflexo passivo do mundo. Há aqui uma relação dialética, ou seja, a realidade é a base fundamental para a arte, mas as obras artísticas, por sua vez, influenciam, em alguns aspectos a constituição do mundo real. É um movimento de dupla direção. O mundo real determina a arte e a arte pode influenciar, de alguma maneira, a dinâmica do mundo.

Nesse sentido, o entendimento da relação entre realidade sócio-histórica e a arte precisa evitar algumas distorções que contrariam a compreensão dialética do fenômeno artístico e favorecem uma visão estreita e vulgar de sua natureza e função social. Por isso, é fundamental sublinhar mais uma vez que a arte brota de um determinado momento histórico, contudo ao responder as demandas de seu tempo não faz isso como um mero espelho. A arte possui uma autonomia relativa frente a base econômica e classista da sociedade a qual emergiu.

Mas, mesmo possuindo apenas uma autonomia relativa a arte pode, além de servir ao propósito de um conhecimento mais amplo do real, também ser, justamente por ajudar os homens a enxergar mais profundamente o mundo objetivo, um meio fundamental de crítica radical da vida social e combate revolucionário contra a sociedade capitalista e todo seu leque de desumanidades. Neste sentido, a literatura e a arte em geral, podem representar para os trabalhadores: I - "uma libertação das barreiras postas por suas (do capitalismo) mesquinhasias", e II - "uma tangível demonstração do caráter historicamente transitório desse período".

A seguir veremos mais detalhadamente por que o universo da arte é essencial para a luta ideológica contra a burguesia.

A ARTE E A CONSCIÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

Engels ao aproximar-se do movimento operário inglês realiza uma mudança de trajetória tanto em seus estudos científicos, como em sua atuação política e, também, na compreensão crítica do papel da arte para a revolução. O primeiro efeito desta aproximação foi a superação de seu preconceito idealista, próprio da juventude de sua época, que o fazia pensar que os intelectuais seriam o grupo responsável pelo progresso social. Engels percebe que os portadores do futuro estavam nas fábricas, oficinas e minas, e não nas universidades e círculos literário-científicos. Engels, portanto, alia-se ao movimento operário mais progressista de sua época. Este movimento estava constituído por trabalhadores que liam os autores clássicos de seu tempo. Diferentemente da burguesia, que absorviam uma cultura pobre, de acordo com a moral hipócrita e necessária a sua perspectiva conservadora.

Assim, Engels percebe que o operário representava o verdadeiro sujeito da revolução. A indignação do trabalhador provocada pela inumanidade de uma relação social baseada na exploração, revelou-se para Engels como o princípio orientador de seus juízos sobre a arte produzida em sua época. A partir daquele instante Engels ao olhar para o mundo sob a perspectiva e horizonte desta classe, e de suas tarefas históricas, percebe a

grande função da arte, pois a arte ao revelar a homens e mulheres seus dramas mais profundos poderia contribuir com a não capitulação da subjetividade proletária ao aburguesamento pequeno burguês dominante desta sociedade.

Com este ponto de vista empreende, em companhia de Marx, uma luta exaustiva contra os "resíduos burgueses" presentes na consciência dos trabalhadores. Acreditavam que ao refletirem com radicalidade sobre as obras de arte, sobretudo aquelas as quais os trabalhadores tinham mais acesso, poderiam revelar e combater certos preconceitos burgueses presentes nestas representações artísticas ou, por outro lado, esclarecer como algumas obras poderiam contribuir para a elevação da consciência do proletariado. Neste sentido, Engels afirmava que uma das funções da literatura seria a de "tranquilizar, reavivar, alegrar a vida do trabalhador", mas teria, por outro lado, a função de contribuir para elevar a sua consciência de classe. Para ele ao retornar da dura e cansativa jornada de trabalho a literatura, apropriada pelo trabalhador, deveria "fazê-lo esquecer sua fadiga [...], mas tem também a missão de torná-lo consciente da própria força, do próprio direito, da própria liberdade".

Segundo Lukács tanto Marx quanto Engels "sempre reconheceram a ação extraordinariamente intensa e profunda exercida pela literatura sobre a consciência dos homens". Esta afirmação serve, em nosso ponto de vista, para outras expressões artísticas. Se isto é verdade, e estamos convictos que é, a arte seria um elemento essencial para a constituição da subjetividade do revolucionário e sem o qual o militante socialista teria uma compreensão limitada do mundo objetivo e dos conflitos e dramas humanos neste mundo. Assim, com uma subjetividade mais pobre e o sentimento de integração ao gênero restrito, o revolucionário enfrentaria enormes dificuldades em manter-se na luta, teria menos sensibilidade para perceber aspectos da realidade e das relações humanas que a razão, sozinha, não consegue alcançar. Seria menos capaz de compreender o mundo de forma desmistificada, desembaraçada de todos os preconceitos religiosos, de entender que a história é feita por homens e mulheres que "trabalham produtivamente" de determinado modo e que entram em "determinadas relações sociais e políticas", ou seja, que a história é resultado da ação humana, coletiva e que, portanto, podemos construir uma história diferente. O empobrecimento da subjetividade revolucionária torna o militante, ainda, mais vulnerável a aceitar, sem críticas nem reações, certas estruturas organizativas de caráter autoritário.

Por outro lado, ao nos apropriarmos das obras de arte nos colocamos diante de dramas e conflitos que pertencem a todos os humanos, damos um passo a mais na compreensão do mundo. Os dramas extraídos com a força que só na arte podemos encontrar, se extrapolarão para o interior da subjetividade que interage com a obra. Assim, tais experiências humanas vividas na obra, serão revividas e sentidas por nossa afetividade, por nossos sentidos, por nossa personalidade que de algum modo vão se alterar com esta interlocução. Como a arte retira do cotidiano (do mundo objetivo portanto) as grandes dúvidas e conflitos humanos, alguns sendo inclusive atemporais, e os fazem ser vivenciados e apropriados por nossa subjetividade, tais conflitos e dúvidas bem como as respostas a eles tornam-se patrimônio de toda humanidade. O que de vivo e dinâmico está expresso na obra, se reflete de maneira libertadora na vida de quem recepciona as grandes obras de arte.

O grau dessa experiência será muito particular, dependerá de muitos fatores individuais e da própria história e do estado

das lutas de classes. Contudo reafirmaremos o que antecipamos no início da nossa reflexão. Se a grande arte por si só não fará a revolução, sem a sua presença pouco, ou de maneira muito rebaixada, se fará.

Na obra de Marx e Engels a arte é um elemento essencial na batalha ideológica contra as influências burguesas sobre a consciência dos trabalhadores. O processo de "aburguesamento" dos trabalhadores já era uma realidade no século XIX e impunha certos limites as lutas da classe contra a burguesia. A arte da classe dominante expressa toda uma concepção de mundo, um modo de ver a vida e a realidade que mistifica a ordem social capitalista, naturaliza a exploração e a miséria, representa a realidade como um quadro estático e não como um processo dinâmico. As produções artísticas que se sustentam nesta perspectiva estão, portanto, carregadas de preconceitos burgueses contra os quais os revolucionários devem travar um contínuo combate. Para isto, a arte deve ser o campo privilegiado de disputa. Segundo Lukács "nesta luta contra a capitulação ideológica dos trabalhadores em face da burguesia, contra a adaptação da consciência proletária aos limites da (consciência) burguesa, a literatura desempenha um papel extraordinariamente importante".

Ao assimilar passivamente os padrões estéticos próprios da burguesia os trabalhadores se adéquam a uma representação do mundo que os oprimem e que está repleta de preconceitos que limitam e coíbem suas aspirações revolucionárias.

Esta forma de assimilação leva muitos intelectuais, estudantes e trabalhadores a manter um respeito exagerado e indevido pela arte burguesa. Consequentemente tornam-se incapazes de extrair os elementos revolucionários das produções artísticas e empregar tais elementos na luta pelo socialismo.

Os trabalhadores e militantes socialistas devem sempre manter uma postura crítico - revolucionária frente a arte burguesa. Não podem demonstrar excessiva reverência para com a ideologia burguesa, incluindo a sua representação na forma de obras artísticas. Evita-se assim concessões ideológicas que amarrariam o pensamento e ação da classe trabalhadora dentro dos limites próprios da sociabilidade burguesa.

Mas esta luta contra a influência da burguesia sobre a consciência dos trabalhadores não nos deve fazer crer que devemos abrir mão da produção artística do passado. É tarefa do movimento socialista e de seus militantes se apropriar das grandes obras produzidas pela humanidade. Engels nos afirma que "o repúdio à grande herança histórica é sempre acompanhado por uma adesão ridícula a insignificantes e excêntricas correntes da moda".

Isto se reveste de fundamental importância para a luta revolucionária por que a classe trabalhadora não pode, simplesmente, fazer aparecer uma ideologia combativa sem que esta se sustente nas produções do passado. Por outro lado, não poderá construir uma nova realidade social e com ela as correspondentes formas de consciência sem se apoiar nas grandes tradições científicas, filosóficas e artísticas realizadas até ali.

A burguesia, por sua vez, se distancia cada vez mais desta tradição. Em um período em que era classe "portadora do progresso social" produziu muitas obras de arte que proporcionaram a elevação da consciência dos indivíduo em direção a generalidade humana. Contribui assim para a percepção do sujeito enquanto partícipe de uma história universal e que esta história era produzida ativamente pela própria humanidade.

Porém, quando a burguesia deixa de ser uma classe revolucionária e ascende ao papel de classe dominante trata logo de retirar qualquer conteúdo potencialmente subversivo da arte. Este complexo ideológico passa, então, a estar enquadrado em certos limites que não poderiam ser transpostos. O caráter essencialmente revolucionário da arte é restringido a certos padrões. E, assim enclausurado, o fazer artístico não representará perigo para ordem social vigente. Ao contrário, servirá para a contínua reprodução submissa e resignada da sociedade capitalista.

Daí a necessidade colocada por Marx, Engels e Lukács de recuperar os clássicos. De lançar os olhares para as grandes obras do passado. É do conhecimento de todos, por exemplo, que Marx tensionava produzir um livro sobre Balzac. Em sua obra principal podemos ler inumeráveis referências a obras literárias clássicas. Engels defendendo o realismo como método comum a todas grandes obras de arte afirma que Shakespeare constitui "o máximo inigualado modelo de literatura realista". O próprio Lukács era um grande admirador de Tolstói.

O que queremos dizer é que recorrendo a grande arte os revolucionários podem enriquecer sua teoria e tornar mais intensas suas experiências práticas. E com isso tornar mais eficaz sua luta contra a influência da burguesia na consciência dos trabalhadores.

Em outras palavras, os militantes socialistas só estarão efetivamente preparados para uma batalha ideológica contra a burguesia se a arte se apresentar como um elemento central na formação dos revolucionários. Não adianta, portanto, que façam leituras dos clássicos do marxismo no campo da política, ou se restringirem a fragmentos de textos econômicos. Também não é frutífero que se abra mão de uma formação teórica mais ampla a fim de priorizar a ação.

Para a construção de uma subjetividade com uma perspectiva autenticamente revolucionária é imperioso que, desde o início, se tenha em mente que três domínios da existência humana, ciência-arte-práxis política, são igualmente fundamentais para que os trabalhadores possam compreender e gir de maneira adequada sobre o real, com o objetivo de transformarem revolucionariamente toda a vida social. Ciência, arte e ação política revolucionária constituem uma unidade. E nesta unidade há constantes interações dialéticas em que cada um destes elementos determina e é determinado pelos outros. Romper esta unidade significa representar, na consciência, um mundo mais pobre, simplificado, e, conseqüentemente, menos próximo da realidade objetiva. O que resultaria em enormes dificuldades para o movimento socialista que objetiva superar a atual forma de sociabilidade. Ou seja, o efeito de uma ruptura, ocorrida na subjetividade, destas três esferas seria o oposto daquele desejado pelos revolucionários. Mas, infelizmente é isso que vem ocorrendo em grande parte do movimento socialista.

Por isso, convidamos a todos que queiram, na atualidade, nadar contra a corrente do profundo empobrecimento político, intelectual e estético que vivemos. Pois, o aburguesamento da nossa consciência, da qual temia Engels, se expressa nos dias atuais de maneira contundente. Apresenta-se sob a forma de um reformismo político presente no pensamento e na ação do movimento operário, especialmente dos sindicatos, também nos partidos políticos de esquerda que não mais expressam aquela indignação de classe que entende que só uma revolução seria capaz de romper com o atual estado de coisas e voltam-se, de maneira fetichizada, para luta parlamentar. É fácil, ainda, constatar uma capitulação massiva dos revolucionários a uma vida pequeno burguesa que deveriam negar. Coloca-se como urgente a tarefa de alçarmos patamares e horizontes que nos tire da inercia frente aos desafios que a história nos coloca, o tempo não para camaradas!